Por que as Grandes Potências Combatem mal em Pequenas Guerras?

Major Robert M. Cassidy, Exército dos EUA

Jamais permitirei que o Exército dos EUA, suas instituições, sua doutrina e suas tradições sejam destruídas somente para ganhar essa guerra abominável.[1]

Estruturas organizacionais que incentivam a apresentação de propostas inovadoras e suas revisões cuidadosas praticamente impossibilitam a inovação.[2]

ESSAS CITAÇÕES dão surgimento a dois truísmos sobre as organizações militares das grandes potências: abrangem o paradigma de uma grande guerra e, por serem instituições grandes e hierárquicas, suas inovações são realizadas em incrementos. Isso significa que as forças armadas das grandes potências não respondem muito bem às inovações, particularmente quando as inovações e adaptações necessárias se encontram fora do escopo da guerra convencional. Em outras palavras, grandes potências não vencem pequenas guerras porque são grandes potências: suas forças armadas devem manter sua competência focalizada na guerra simétrica, para preservar seu grande poder diante de outras potências de igual poder; e suas forças armadas devem ser organizações muito grandes. Essas duas características se combinam para criar uma capacidade formidável nas planícies da Europa ou nos desertos do Iraque. Entretanto, essas mesmas características não produzem instituições e culturas que demonstrem propensão para a guerra de guerrilha.[3]

Em acréscimo à cultura de grande guerra, existem algumas contradições derivadas da lógica existente quando uma potência industrial ou pós-industrial superior se enfrenta com um adversário pré-industrial, semicolonial ou semifeudal inferior. Por um lado, a grande potência, intrinsecamente, traz meios e tecnologia superiores e sobrepujantes para este tipo de conflito. Por outro lado, o adversário, aparentemente em condições inferiores, em geral, apresenta uma vontade superior de vencer, demonstrada pela aceitação de custos muito altos e pela perseverança em situações difíceis. "Vitória ou Morte" não é simplesmente uma frase em um adesivo para pára-choques; é um dilema incorporado aos conflitos assimétricos. O oponente, qualitativa ou quantitativamente inferior, combate com meios limitados por um objetivo estratégico — independência. Inversamente, o adversário, quantitativa ou qualitativamente superior, combate com meios provavelmente ilimitados para obter um fim limitado — manter algum território externo ou posto avançado. Aparentemente, as forças militares mais fracas, em geral, prevalecem sobre aquelas com poder de fogo e tecnologia superiores, porque estão lutando para sobreviver.[4]

A história apresenta muitos exemplos de fracassos de grandes potências no contexto de conflitos assimétricos: os romanos na floresta da Teutoburg, os britânicos na Revolução Americana, os franceses na Guerra Peninsular, na Indochina e na Argélia, os norte-americanos no Vietnã e na Somália, os russos no Afeganistão e na Chechênia. Esta lista não é totalmente homogênea, e é importante esclarecer que a Revolução Americana, a Guerra Peninsular e a Guerra do Vietnã são exemplos de grandes potências perdendo para estratégias que combinavam abordagens assimétricas e simétricas.

No entanto, duas explicações são necessárias quando se generaliza os fracassos de grandes potências em pequenas guerras. Primeiro, grandes potências não perdem, necessariamente, pequenas guerras; elas simplesmente deixam de vencê-las. Na verdade, elas conseguem, com freqüência, muitas vitórias táticas no campo de batalha. Contudo, na ausência de uma ameaça à sua sobrevivência, a incapacidade das grandes potências em obter rápida e decisivamente seus objetivos estratégicos, fazem com que percam o apoio

doméstico. Segundo, os oponentes mais fracos devem ser estrategicamente cautelosos para evitar o confronto simétrico em guerras convencionais contra grandes potências.

A história também apresenta muitos casos em que grandes potências alcançaram vitórias aniquiladoras sobre inimigos com menor poder quando esses buscam travar batalhas ou guerras segundo o paradigma da grande potência. A Batalha das Pirâmides e a de Omdurman oferecem os exemplos mais notáveis de forças armadas primitivas enfrentando forças mais adiantadas de forma simétrica. A guerra do Golfo Pérsico é o exemplo mais recente de uma força militar sem par combatendo de acordo com o paradigma preferido do oponente. O mesmo aconteceu com a vitória italiana na Abissínia, sobre a qual Mao Tse-tung observou que a derrota é inevitável quando forças semifeudais travam uma guerra de posição e batalhas convencionais contra forças modernizadas.[5] Os EUA provavelmente enfrentarão conflitos assimétricos no futuro. Quatro fatores suportam esta probabilidade:

A história apresenta muitos exemplos de fracassos de grandes potências no contexto de conflitos assimétricos: . . . é importante esclarecer que a Revolução Americana, a Guerra Peninsular e a Guerra do Vietnã são exemplos de grandes potências perdendo para estratégias que combinavam abordagens assimétricas e simétricas.

• Os Poderes Ocidentais contam com as forças armadas mais avançadas em tecnologia e poder de fogo.

• A homogeneidade política e econômica dos Poderes Ocidentais torna improvável uma guerra entre eles.

• A maioria dos adversários racionais, no mundo não Ocidental, devem ter aprendido com a Guerra do Golfo a não enfrentar o Ocidente em seus termos.

Como resultado, os Estados Unidos e seus aliados europeus irão empregar o poder de fogo e a tecnologia no mundo menos desenvolvido, contra adversários ostensivamente inferiores que se utilizará de táticas assimétricas.

Conflitos assimétricos passarão a ser a norma e não a exceção. Embora a guerra no Afeganistão esteja longe de ser o modelo de conflito assimétrico apresentado neste artigo, a natureza assimétrica daquela guerra somente acentua a magnitude dos conflitos assimétricos.[6]

O termo "conflito assimétrico" foi primeiro usado em 1974, passando a ser o termo estratégico da moda.[7] Entretanto, o grande número de definições fez com que o termo "assimétrico" perdesse sua utilidade e clareza. Por exemplo, um artigo descreveu o ataque direto perpetuado pelo Japão durante a II Guerra Mundial contra Pearl Harbor como sendo convencional, mas o ataque indireto contra as forças convencionais britânicas em Singapura como assimétrico. Portanto, cingir um termo com uma definição reduz a sua utilidade. Se todos os tipos de assimetria ou abordagem indireta são incluídos neste conceito, quais as abordagens que estão excluídas?

Esse artigo restringe o escopo do conflito assimétrico a fim de analisar conflitos onde forças militares externas de grande superioridade, nacionais ou multinacionais, confrontam estados menos dotados ou grupos autóctones no seus territórios. Insurreições e pequenas guerras classificam-se nessa categoria e ambos os termos serão empregados com o mesmo significado nesse artigo. Pequenas guerras não são grandes guerras de estado contra estado, convencionais, ortodoxas e precisas, onde o sucesso é medido pelas linhas de controle ultrapassadas ou pelos morros conquistados. Pequenas guerras são contra-insurreições e conflitos de baixa intensidade nos quais a incerteza é a norma e o poder de fogo superior nem sempre garante o êxito.

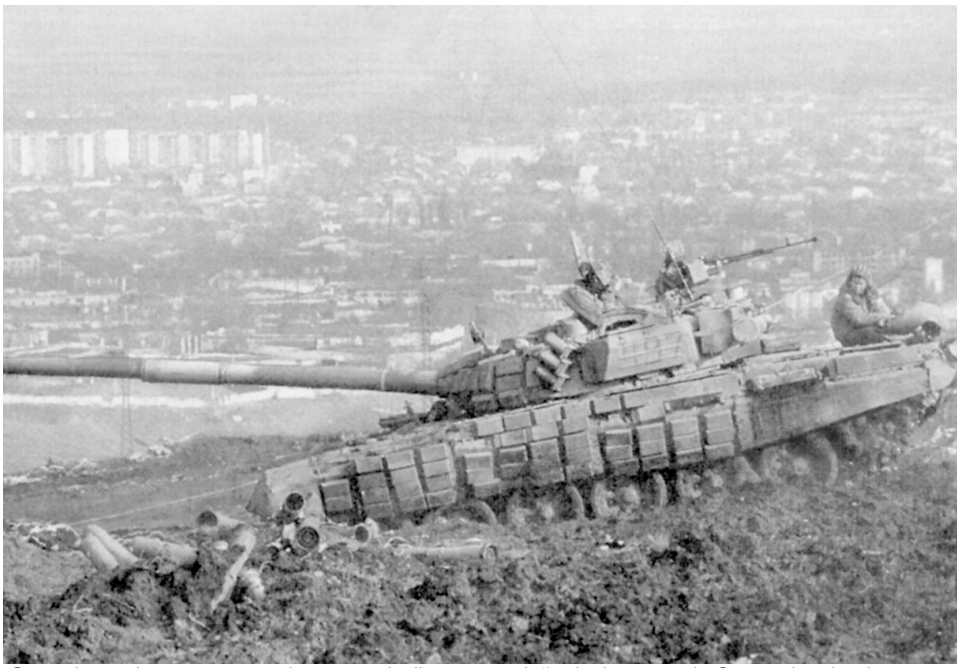
Assimetria em Estratégia

A guerrilha vence se não perder. O exército convencional perde se não vencer.[8]

Guerras simétricas são guerras totais onde ambos os lados lutam pela sobrevivência — As I GM e II GM são os exemplos mais óbvios. Uma luta assimétrica implica que a guerra é total para os insurretos autóctones, mas é inerentemente limitada para a grande potência. Esse fato ocorre porque os insurretos não apresentam uma ameaça direta à sobrevivência da grande potência. Além disso, para a grande potência em uma situação assimétrica, uma mobilização militar completa não é politicamente prudente nem necessária, do ponto de vista militar. A enorme disparidade das capacidades militares e a certeza de sua predominância em poder bélico faz com que a grande potência espere a vitória. Contudo, embora a força inferior possua meios limitados, seu objetivo é, de qualquer forma, a expulsão da grande potência. A única opção para o Estado oprimido é, literalmente, a vitória ou a morte.

Após a malograda defesa de Nova York em 1776 e de Brandywine Creek na Filadélfia em 1777 pelo Exército Continental, Washington foi forçado a adotar a estratégia fabiana. Fábio Maxímo foi um cônsul romano encarregado de defender Roma contra o avanço de Aníbal. Segundo B. H. Liddell Hart, a estratégia de Fábio "não era meramente uma evasão do combate para ganhar tempo, mas calculada devido aos efeitos

que causava no moral do inimigo".[9] Fábio conhecia muito bem a superioridade militar do seu inimigo para não arriscar uma decisão em combate direto. Dessa forma, Fábio procurou evitar um combate direto contra as concentrações superiores lideradas pelos cartagineses e, em vez disso, prolongou a guerra através de pequenos golpes visando esgotar a resistência invasora.[10]



Kommersant

Carro de combate russo parado em um declive, em posição de tiro perto de Grozny, janeiro de 2000.

Da mesma forma que Fábio contra Aníbal, Washington evitou, normalmente, ataques frontais contra o Exército britânico. Com um número limitado de homens, meios e adestramento, ele sabia que seria um desastre conduzir suas tropas ao combate aberto contra os britânicos. Washington optou por uma estratégia de desgaste evitando ações gerais contra o grosso da força britânica e concentrando suas forças contra o inimigo mais fraco em postos avançados e destacamentos isolados. O plano de vitória estabelecido por Washington era o de manter a revolução viva ao preservar o Exército Continental e ao desgastar a vontade de combater dos britânicos pelas incursões contra destacamentos periféricos. O objetivo político de Washington era expulsar os britânicos das colônias americanas, mas seus recursos militares eram tão escassos que "suas esperanças não dependiam apenas da vitória militar, mas da possibilidade de que a oposição política na Grã-Bretanha, com tempo, forçasse o Ministério britânico a abandonar o conflito".[11]

A Revolução Americana testemunhou alguns dos melhores combates não convencionais e de guerrilha da história militar dos Estados Unidos. Na zona Norte, o Exército de irregulares ajudou a causar a rendição do exército comandado pelo *Major General* John Burgoyne, do Exército britânico, em Saratoga, no estado de Nova York, ao conduzir emboscadas e incursões rápidas contra os flancos e as linhas de comunicação britânicas. Na zona Sul, o General Nathanael Greene combinou táticas convencionais e não convencionais para desgastar as forças do *Major General* Lord Charles Cornwallis. Greene "desenvolveu uma capacidade para combinar operações de guerrilha com as ações de tropas regulares, com uma perícia comparável à de Mao Tse-tung ou de Vo Nguyen Giap".[12] Em parte, sua estratégia surgiu da falta de provisões para seu exército regular e da presença de grupos guerrilheiros na zona Sul.

Assimetria em Tecnologia

Para os chechenos uma vitória militar absoluta era improvável. Portanto, seu objetivo era infligir tantas baixas quanto possível ao povo russo, desprovendo-o da vontade de lutar. Os chechenos empregaram uma estratégia assimétrica que evitou o combate aberto contra os blindados, a artilharia e o poder aéreo russo. Eles buscaram equilibrar o combate lutando uma guerra de infantaria. Os chechenos forçaram os russos, repetidamente, ao combate em áreas urbanas, onde os infantes russos podiam morrer facilmente.[13]

Uma luta assimétrica implica que a guerra é total para os insurretos autóctones, mas é inerentemente limitada para a grande potência. Esse fato ocorre porque os insurretos não apresentam uma ameaça direta à sobrevivência da grande potência. Além disso, para a grande potência em uma situação assimétrica, uma mobilização militar completa não é politicamente prudente nem necessária, do ponto de vista militar.

Assimetria em tecnologia deriva-se da imensa disparidade tecnológica e industrial entre os adversários em conflitos assimétricos. A disparidade é intrínseca na estrutura de qualquer conflito no qual um poder periférico enfrenta um poder central. A superioridade militar convencional e tecnológica sozinha não é capaz de garantir a vitória e pode, até mesmo, dificultá-la num contexto assimétrico. Basta perguntar a um veterano da batalha de Grozny, em 1995, como a superioridade numérica e a tecnologia afetam o combate contra um inimigo audaz que emprega uma aproximação assimétrica.[14]

As forças russas que assaltaram a Grozny em 31 de dezembro de 1994 eram quantitativa e tecnologicamente superiores a seus defensores chechenos. Talvez a percepção da sua invulnerabilidade, devido à sua superioridade numérica e tecnológica, tenha contribuído para a forma aleatória com que as forças russas perambularam com seus meios blindados num ninho de emboscadas anticarro chechenas. Em cifras concretas, os russos empregaram 230 carros de combate, 454 viaturas blindadas de transporte de pessoal e 388 peças de artilharia. Por outro lado, os chechenos possuíam 50 CC, 100 viaturas blindadas de transporte de pessoal e 60 peças de artilharia. Apesar da superioridade dos sistemas de armas russos, eles foram incapazes de manobrar para obter uma posição vantajosa sobre os chechenos. Embora o ex-Ministro de Defesa russo, Pavel Grachev tenha afirmado que poderia derrubar o regime de Dudayev em algumas horas com apenas um regimento de pára-quedistas, a habilidosa resistência oferecida pelas Forças chechenas em Grozny forçaram a retirada das Forças russas do centro da cidade para se reagruparem. Disparando de todos os lados e de todos os andares dos edifícios, de quadra em quadra na cidade, as unidades anticarros chechenas sistematicamente destruíram um grande número de CC russos com lança-rojões *RPG-7*. De fato, durante o assalto realizado na noite de 31 de dezembro, um regimento russo perdeu 102 das suas 120 viaturas, bem como a maioria de seus oficiais.[15]

Em cifras concretas, os russos empregaram 230 carros de combate, 454 viaturas blindadas de transporte de pessoal e 388 peças de artilharia. Por outro lado, os chechenos possuíam 50 CC, 100 viaturas blindadas de transporte de pessoal e 60 peças de artilharia. Apesar da superioridade dos sistemas de armas russos, eles foram incapazes de manobrar para obter uma posição vantajosa sobre os chechenos.

O conflito na Chechênia entre 1994 e 1996 foi testemunha do emprego maciço da tecnologia e da potência de fogo russo — bombardeios constantes e ataques maciços de artilharia — cujo emprego indiscriminado demonstrou a falta de preocupação com as baixas civis ou com os danos colaterais. Por outro lado, durante o resto da guerra, as forças chechenas evitaram o combate direto e isolaram as forças russas em destacamentos menores que podiam ser emboscados e destruídos parceladamente. Para os russos, inexperientes nas técnicas e na natureza problemática das operações de contra-insurreição, a artilharia concentrada passou a ser a substituta para as manobras de infantaria e o princípio convencional da ofensiva "passou a ser interpretado em termos de toneladas de munições lançadas contra os alvos".[16] Ao que parece, então, em vez de adotar a aproximação comum das operações de contra-insurreição, isto é, a separação dos guerrilheiros da população civil, os russos na Chechênia tentaram destruir toda a população, incluindo os guerrilheiros.

O fato de que a superioridade numérica e tecnológica não permitiu aos russos alcançar seus objetivos simplesmente ressalta a natureza ilusória da tecnologia. Um autor escreve: "A tecnologia oferece poucas vantagens decisivas na guerra de guerrilha, no combate urbano, nas operações de paz e no combate em terreno acidentado. A arma preferida nestas condições continua sendo uma grande quantidade de infantes bem adestrados."[17] A guerra de guerrilha é mais uma prova da vontade e resistência nacional do que um enfrentamento militar.

A Assimetria da Vontade

Há mais de dois milênios, cidadãos-soldados profissionais, assalariados, pensionistas e aqueles dedicados à arte militar das legiões romanas tiveram de, rotineiramente, combater guerrilheiros desejosos de morrer gloriosamente por sua tribo ou religião. Mesmo naquela época, seus superiores não eram indiferentes às baixas em combate porque era muito dispendioso adestrar as tropas e havia uma escassez de cidadãos para mobilizar.[18]

Essa citação ressalta a profunda disparidade que caracteriza as diferenças entre os poderes imperiais e os não imperiais. Nas guerras periféricas, os poderes imperiais são incapazes ou não estão dispostos a aceitar um alto nível de baixas por tempo indeterminado. Algumas vezes, a vontade do oponente mais fraco se manifesta em um alto nível de sacrifício que permite que as pequenas potências tenham êxito quando enfrentam as grandes. Samuel B. Griffith II explica: "O êxito da guerra de guerrilha não depende da operação eficiente de componentes complexos, sistemas logísticos bem organizados, ou da precisão de computadores eletrônicos.

Departamento de Defesa

Um fuzileiro naval norte-americano adido a um pelotão de ação combinada ajuda um vietnamita na colheita do arroz, 26 de fevereiro de 1969.

O seu elemento básico é o homem, e o homem é mais complexo do que qualquer uma de suas máquinas. Ele é dotado de inteligência, emoção e vontade."[19]

Todos os conflitos assimétricos exibem esta mesma disparidade de vontade. Nenhuma outra frase capta melhor esta disparidade do que a pergunta apresentada em *Gardens of Stone*, um filme sobre a guerra do Vietnã: Como se derrota um inimigo que está disposto a combater helicópteros com arcos e flechas?"[20] No Vietnã, as táticas inimigas pareceram "ser motivadas pelo desejo de infringir baixas aos norte-americanos sem consideração do preço".[21] Segundo uma análise feita pela Corporação RAND sobre a guerra no Vietnã, o inimigo estava "disposto a sofrer baixas num nível muito mais alto do que o nosso, mas não aceitava estas baixas como decisivas e se recusava a buscar uma solução pacífica".[22] Na Somália, o inimigo empregou estilingues contra helicópteros e usou mulheres e crianças como escudos humanos durante os tiroteios.

O conflito assimétrico não se limita às operações militares no campo de batalha. O oponente fraco procura afetar a coesão interna da grande potência infringindo uma soma contínua de custos aos seus adversários.[23] Analisado de uma perspectiva estratégica, o objetivo dos rebeldes é conseguir a escalada do conflito pela grande potência. Essa escalada produz custos políticos e econômicos para a potência externa — soldados mortos e destruição de equipamento — mas, com o tempo, estes custos podem ser considerados muito altos quando a segurança nacional da grande potência não está diretamente ameaçada.

Todos os conflitos assimétricos exibem esta mesma disparidade de vontade. Nenhuma outra frase capta melhor esta disparidade do que a pergunta apresentada em Gardens of Stone*, um filme sobre a guerra do Vietnã: Como se derrota um inimigo que está disposto a combater helicópteros com arcos e flechas?"*

Durante a Guerra do Vietnã este problema foi especialmente grave porque o sistema político-militar norte-americano, com uma mentalidade clausewitziana, determinou incorretamente que ao destruir os meios de guerra do Vietnã do Norte afetaria a sua vontade de continuar a guerra. Embora os norte-americanos tenham lançado mais de sete milhões de toneladas de bombas na Indochina — 300 vezes mais que a potência das bombas atômicas lançadas contra o Japão — a vontade do Vietnã do Norte foi mantida enquanto a dos EUA ruiu.

Sem meios para destruir o poderio militar dos EUA, Ho-Chi-Minh e o General Vo Nguyen Giap passaram, corretamente, a concentrar-se na vontade da política

interna dos EUA de continuar respaldando os esforços da guerra. Mao considerou isso como "a destruição da unidade do inimigo", mas outro autor explicou de forma ainda mais clara: "Se a vontade da potência externa de continuar a luta é destruída, então sua capacidade militar, embora poderosa, é totalmente irrelevante."[24]

As grandes potências são menos tolerantes às baixas nas guerras de menor escala do que seus oponentes. Esta disparidade surgiu novamente, desta feita na participação do Exército norte-americano na Somália: "O entusiasmo da nação em participar ativamente na formação de uma nova ordem internacional por intermédio da ONU e das operações multinacionais, nunca suficientemente fortes, morreu junto com os 18 soldados norte-americanos nas ruas de Mogadício."[25] As operações do Exército culminaram com a batalha em Mogadício nos dias 3 e 4 de outubro de 1993 com 18 norte-americanos mortos e 84 feridos, comparados com 312 somalianos mortos e 814 feridos. O resultado final da participação dos EUA na Somália foram 30 soldados mortos e pelo menos 100 feridos, enquanto as baixas entre os somalianos foi estimada entre 1.000 e 3.000 pessoas. Não obstante, quatro dias depois da fracassada incursão, o presidente William J. Clinton anunciou o fim da participação norte-americana naquele país, "ostensivamente devido à reação adversa do povo em relação às baixas".[26] Desde então, a decisão norte-americana de empregar a força parece ainda mais restrita pela síndrome de zero-baixas. Outra manifestação foi Kosovo, onde uma campanha aérea exacerbou a idéia do emprego de força sem sofrer perdas. Ainda mais, as Forças norte-americanas que se desdobraram para Kosovo para efetuar operações de paz adotaram o critério de não sofrer nenhuma baixa como o mais importante para o seu êxito.

A decisão norte-americana de empregar a força parece ainda mais restrita pela síndrome de zero-baixas. Outra manifestação foi Kosovo, onde uma campanha aérea exacerbou a idéia do emprego de força sem sofrer perdas. Ainda mais, as Forças norte-americanas que se desdobraram para Kosovo para efetuar operações de paz adotaram o critério de não sofrer nenhuma baixa como o mais importante para o seu êxito.

Convencionalismo Arraigado

O pensamento militar das grandes potências tende a ser homogêneo. Desde a vitória prussiana na Guerra Franco-Prussiana, as grandes potências aceitaram Carl von Clausewitz como oráculo fundamental da guerra e continuam abraçando esta teoria de origem alemã com respeito à guerra convencional e à de manobra mecanizada. Contudo, pode-se observar nas culturas militares das grandes potências um traço "jominiano", que consiste em separar a esfera política da militar, uma vez começada a guerra. Esta forma de pensamento cria dois problemas para os grandes poderes nos conflitos assimétricos: pouca ou nenhuma integração político-militar e a segurança que se tem ao "depender do que já é conhecido", no caso, o paradigma preferido — a guerra convencional de média ou alta intensidade. Acrescente-se a isso a tendência das grandes organizações de mudar lentamente, e o resultado é uma força militar que se apega a uma mentalidade convencional, mesmo quando esta não é apropriada ou eficaz, como no caso dos conflitos assimétricos.[27]

Tal fato nunca foi tão claro como na invasão soviética do Afeganistão. O Exército soviético que invadiu o Afeganistão não foi adestrado para realizar operações de contra-insurreição e sim para conduzir guerra convencional de alta intensidade nas planícies da Europa. O autor Scott McIntosh afirmou: "[A doutrina soviética deu] grande valor ao emprego de tropas em massa, ao escalonamento, à manobra rápida, ao apoio de fogo pesado, aos grandes ritmos de avanço e às ações coordenadas de armas combinadas em todos os níveis."[28] O Exército soviético não tinha doutrina nem habilidade para travar uma guerra não convencional. Não existiram frentes nem retaguardas convencionais para serem penetradas pelas tropas avançadas dotadas de enormes quantidades de forças blindadas pesadas; em vez disso, os soviéticos enfrentaram um inimigo não convencional, tenaz e esquivo, em terreno acidentado e montanhoso. A meta de uma vitória rápida e decisiva passou a ser pouco realista.

O Exército soviético aderiu estritamente ao paradigma da guerra de grande escala: "Os soviéticos invadiram o Afeganistão empregando as mesmas táticas militares empregadas na invasão da Checoslováquia em 1968."[29] Ainda mais, o mesmo oficial que comandou a invasão checa, General Ivan Pavlovsky, também foi o encarregado da incursão inicial no Afeganistão. O Exército soviético realizou a guerra de grande escala com meios blindados até 1982. Mais ou menos duas vezes ao ano os soviéticos realizaram grandes ofensivas convencionais, empregando divisões motorizadas de fuzileiros que foram adestradas para o combate contra as forças da OTAN na Europa central, em vez de empregar suas unidades aerotransportadas mais leves e mais adequadas à situação. Não obstante, a força excessiva e a destruição indiscriminada resultante deste confronto não conquistou o apoio da população. A abordagem soviética de "terra arrasada" em meados da década de 1980 fortaleceu a resistência rebelde.

Departamento de Defesa

Somália, 1993.

A Guerra do Vietnã também foi essencialmente uma guerra de contra-insurreição até que os EUA tentaram convertê-la em alguma coisa que não era ao "americanizá-la". Em 1961 e 1962 as Forças Especiais do Exército norte-americano tiveram êxito inicial empregando táticas comprovadas de contra-insurreição tais como a patrulha agressiva de pequenas unidades, a coleta de dados e conquistando o apoio da população civil. No final de 1962, as Forças Especiais tinham recuperado e mantinham centenas de aldeias livres das Forças do Vietcong. Além disso, integrantes do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), operando na área do I Corpo-de-Exército empregaram técnicas semelhantes com seus pelotões de ações combinadas, conseguindo êxito local durante a maior parte da guerra. No entanto, a equipe do General William C. Westmoreland minimizou os esforços das FOpEsp e o programa de pelotões de ações combinadas do CFN porque ambos discordavam do conceito de guerra para o Exército dos EUA que a equipe possuia: convencional, grande quantidade de poder de fogo e o aproveitamento da tecnologia para busca e destruição.

Já foi dito que o Exército dos EUA nunca tentou seriamente uma guerra de contra-insurreição no Vietnã. Sua falta de flexibilidade ficou demonstrada no começo deste artigo: "Nunca permitirei que o Exército, suas instituições e suas tradições sejam destruídas somente para ganhar essa guerra abominável."[30] A vitória norte-americana sobre os japoneses e alemães durante a II GM "havia sido tão absoluta, tão brilhantemente norte-americana, que a idéia de derrota na guerra era impensável".[31] A solução para a vitória naquela guerra, "poder de fogo superior, efetivo superior, tecnologia superior, chegou a ser a fórmula da vitória para o resto do século e incentivou os generais no Vietnã a "intencionalmente menosprezar o inimigo e a confiar demais nas suas próprias habilidades no campo de batalha".[32] O Exército dos EUA foi incapaz de adaptar-se ao tipo de guerra realizado pelo Vietnã do Norte e pelo Vietcong. "Baseado em sua resposta mais convencional, sua estratégia de desgaste e sua incessante busca pelo grande combate, na verdade o Exército chegou a ser

As grandes potências são menos tolerantes às baixas nas guerras de menor escala do que seus oponentes. . . As operações do Exército culminaram com a batalha em Mogadício nos dias 3 e 4 de outubro de 1993 com 18 norte-americanos mortos e 84 feridos, comparados com 312 somalianos mortos e 814 feridos. O resultado final da participação dos EUA na Somália foram 30 soldados mortos e pelo menos 100 feridos, enquanto as baixas entre os somalianos foi estimada entre 1.000 e 3.000 pessoas.

como um grande corpo-de-exército expedicionário francês — e se deparou com as mesmas frustrações".[33] O Exército deu pouquíssima ênfase à doutrina da guerra não convencional. Com pouco interesse ou pouco adestramento em operações de contra-insurreição de grande escala — e com poucos benefícios reconhecíveis em forma de promoções ou de alocação de verbas — a estratégia do Exército foi previsível. "O Exército iria empregar um malho para matar uma mosca, enquanto a prática da guerra não convencional foi deixada principalmente nas mãos das FOpEsp."[34]

A boa notícia é que depois de mais de uma década realizando operações de não guerra, a cultura das FA dos EUA está mudando — está mais disposta às operações fora do seu paradigma histórico. Isso é evidente, particularmente pelo fato de que os principais líderes do Exército estão refletindo e incentivando mudanças de atitude com relação às operações de paz. Em um relatório feito pelo Instituto da Paz dos EUA, onde foi entrevistado um grupo de generais, o General Eric K. Shinseki relatou sua experiência ao enfrentar um preconceito cultural na Bósnia, porque "a doutrina básica de adestramento do Exército o preparou para a guerra em todos os níveis, mas não havia nenhuma doutrina clara para as operações de estabilidade."[35] No seu cargo atual de Chefe de Estado-Maior do Exército, o Gen Shinseki lidera a mudança na mentalidade do Exército e na estrutura da força para fazê-la estrategicamente mais relevante. O relatório do Instituto de Paz dos EUA concluiu que as operações de paz representam "o novo paradigma de conflito que o Exército enfrentará em futuros desdobramentos, à medida que surgirem mais estados fracassados e a imposição da paz e a reconstrução nacional passarem a ser preocupações normais dos líderes militares superiores".[36] Em outro estudo, o ex-Chefe de Estado-Maior da Força de Implementação expressou a necessidade de "formar forças armadas capazes de muitas coisas — não apenas para a guerra de grande escala".[37]

Em outubro de 2001, as FA norte-americanas levaram a cabo uma estratégia eficaz e sem precedentes contra o regime talibã e o grupo Al-Qaeda no Afeganistão. Combinando o bombardeio de precisão e as FOpEsp num papel de guerra não convencional, as Forças Armadas essencialmente decapitaram o regime opressivo dos talibãs naquele país. Entretanto, a guerra norte-americana no Afeganistão difere sobremaneira dos exemplos aqui discutidos. Na guerra contra o terrorismo, as FA dos EUA defendem os interesses vitais da nação. Nesse sentido, esta guerra tem mais em comum com a II GM do que com o Vietnã ou a Somália. É uma guerra — uma cruzada — contra um agente não estatal que atacou e continua ameaçando a Pátria.

Os EUA e o grupo Al-Qaeda parecem lutar para alcançar metas ilimitadas: os Estados Unidos procuram erradicar a rede terrorista Al-Qaeda ao redor do mundo e esta quer forçar a retirada dos EUA do Oriente Médio e da Ásia Oriental. Nesse caso, a população civil dos EUA provavelmente ver-se-á obrigada a tolerar baixas e apoiar uma guerra prolongada contra o terrorismo porque está claro que este esforço tem a finalidade de defender os interesses vitais dos EUA. Pela mesma razão, os líderes políticos norte-americanos estão de acordo e resolveram concluir esta guerra com êxito.

A guerra no Afeganistão foi diferente. Na primeira e mais bem-sucedida campanha as FOpEsp trabalharam a favor dos insurretos — inicialmente, as forças dos EUA eram os guerrilheiros. Ser guerrilheiro e lutar contra guerrilheiros são duas coisas muito diferentes. Desde o início de 2002, entretanto, os militares norte-americanos têm conduzido operações de contra guerrilha na parte oriental do Afeganistão. Embora o resultado final ainda não tenha sido determinado, a abordagem que combina a inteligência, as ações de pequenas unidades de forças especiais e o bombardeio de precisão têm sido bem-sucedidos no Afeganistão.

Entretanto, a probabilidade de guarida para os guerrilheiros do Talibã e da Al-Qaeda ao longo da praticamente desprotegida fronteira de 1,300 milhas com o Paquistão parece ter se materializado, visto que a polícia nacional do Paquistão calcula que quase 10.000 talibãs e 5.000 combatentes da Al-Qaeda estão escondidos em refúgios dentro do Paquistão. Esta situação leva a uma importante questão: Que forças podem e procurarão aproximadamente 15.000 soldados inimigos refugiados dentro de um país amigo, no meio de uma população em que 1% é formado de extremistas islâmicos e onde 15% da mesma demonstra sentimentos antiamericanos?[38] Se houver possibilidade de que as forças norte-americanas entrem no Paquistão para apoiar seu governo no isolamento e na destruição desses 10 a 15 mil guerrilheiros "jihadist", existem algumas lições de outra guerra na Ásia, ocorrida há mais de 25 anos, que podem proporcionar exemplos do que os EUA não devem fazer.

De todas as instituições militares dos EUA, o Corpo de Fuzileiros Navais parece ser a mais indicada para um diálogo sério sobre as guerras de menor escala. Sob o patrocínio do CFN, foram publicadas duas obras que tratam da guerra em menor escala que merecem cuidadosa análise enquanto as FA dos EUA continuam a luta mundial contra os guerrilheiros do grupo Al-Qaeda. A primeira é um texto elementar publicado em 1962, *The Guerrilla — and How to Fight Him* e a segunda, publicada pelo CFN em 1940 intitula-se *Small Wars Manual.*[39] Esta última oferece conselhos e técnicas de duração indefinida para a condução das operações contra guerrilhas: "Nas guerras de menor

escala é necessário cautela e, em vez de esforçar-se para gerar o máximo poder com a força disponível, o objetivo é alcançar resultados decisivos com a aplicação mínima de força. Nas guerras de menor escala, a tolerância, a simpatia e a bondade devem ser a idéia central de nossa relação com a massa da população. As guerras de menor escala abrangem um extenso âmbito de atividades que incluem a diplomacia e os contatos com a população civil e é, também, a guerra do tipo mais difícil.[40] ***MR***

Referências

1. Esta citação, atribuída a um general anônimo do Exército dos EUA, provém de Brian M.Jenkins, *The Unchangeable War* ,RM-6278-ARPA (Santa Monica, Califórnia: RAND, 1970), p. 3.

2. Harvey M.Sapolsky, "On the Theory of Military Innovation," *Breakthroughs* (*Spring* 2000), p. 35.

3. Ganhar ou ser eficaz no contexto da contra insurreição ou no conflito de baixa intensidade é subjetivo e relativo. Entretanto, embora os conflitos de baixa intensidade/operações de não guerra abranjam distintas missões, um corpo geral de princípios emergiu do legado das experiências nas operações de não guerra. Para ser eficiente, a doutrina que trata deste tema deve ajudar a promover duas metas principais: integrar os objetivos militares, políticos, econômicos e sociais, levando-os para o resultado estratégico desejado, e ganhar e manter o apoio da população autóctone.

4. Baseado em Andrew Mack, "Why Big Powers Lose Small Wars:the Politics of Asymmetric Conflict," *Power, Strategy, and Security: a World Politics Reader,* Klaus Knorr, editor. (Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press,1983), pp.126-51. Isto implica numa superioridade qualitativa e quantitativa através de medidas convencionais empíricas das capacidades militares.

5. Estas batalhas marcaram a presença dos Exércitos europeus derrotando fácil e brutalmente seus adversários não europeus porque este último escolheu, imprudentemente, lutar contra o anterior de forma simétrica. Ver Winston S. Churchill, *The River War* (Londres: Prion,1997), pp.191-225 e Daniel P. Bolger, "The Ghosts of Omdurman", *Parameters* (*Autumn*1991), p. 34, para uma análise da batalha de Omdurman. Mao Tse-tung, *On Protracted Warfare* (Peking: Foreign Language Press, 1967) pp. 9-10.

6. Novamente, conotações pejorativas denotam uma debilidade em medidas convencionais do poder militar, não necessariamente em habilidades estratégicas, táticas ou do guerreiro. O conflito assimétrico também foi a norma durante a Guerra Fria e em toda a História Militar. Durante a Guerra Fria, a ameaça do escalonamento nuclear evitou um conflito simétrico entre as duas superpotências.

7. O termo "conflito assimétrico" apareceu inicialmente no livro de Andrew Mack, "The Concept of Power and Its Uses in Explaining Asymmetric Conflict" (Londres: Richardson Institute for Conflict and Peace Research,1974).

8. Henry Kissinger, "The Vietnam Negotiations," *Foreign Affairs* (janeiro de 1969), p. 214.

9. B. H. Liddell Hart, *Strategy*, 2ª ed.(Nova York: Praeger,1967), p. 26. Fábio sugere um emprego estratégico indireto da força e se origina do general romano Quintus Fabius Maximus quem prolongou a luta contra Aníbal, na Segunda Guerra Púnica, para evitar batalhas decisivas.

10. *Ibid*., p. 27

11. Russell F. Weigley, "American Strategy From its Beginnings Through the First World War", *Makers of Modern Strategy*, Peter Paret,editor. (Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press,1986), pp.410-12; Russell F.Weigley, *The American Way of War* (Indiana: Indiana University Press,1º de setembro de 1977) pp.5,15, e 18-19. Ver Mack, "Why Big Powers Lose Small Wars," pp.145-46.

12. *Ibíd*., pp. 410-11 e *Ibíd* ., pp.18,23-24,26, e 29.

13. Sean J. A. Edwards, *Mars Unmasked: the Changing Face of Urban Operations* (Santa Mônica, Califórnia: RAND, 2000), p.28.

14. Mack, "Why Big Powers Lose Small Wars," pp.128 e 133.

15.Timothy Thomas, "The Caucasus Conflict and Russian Security: The Russian Armed Forces Confront Chechnya", Parte III (Forte Leavenworth, Kansas: Foreign Military Studies Office [FMSO],1997), p.6; Raymond Finch, "Why the Russian Military Failed in Chechnya" (Forte Leavenworth, Kansas: FMSO, 1997), pp. 4-7 e Gregory J. Celestan, "Wounded Bear: The Ongoing Russian Military Operation in Chechnya" (Forte Leavenworth, Kansas: FMSO,1996), pp.4

16. Finch, pp.5-6 e Celestan, p.5. Aniquilar a população não combatente não é a solução preferida, em operações de contra insurreição. Para contradizer a opinião de Mao que diz que a população na guerra de guerrilha é "como a água" e os guerrilheiros são parecidos "aos peixes que ali vivem", a maioria dos peritos em contra insurreição afirmaria a necessidade de separar os peixes da água para ganhar o apoio da população. Para a analogia de peixes e água de Mao, ver Mao Tse-Tung, *On Guerrilla Warfare*, Samuel B. Griffith II, tradutor (Champaign, Illinois: University of Illinois Press, 2000). P.93.

17. Lester W. Grau, "Bashing the Laser Range Finder With a Rock"(Forte Leavenworth, Kansas: FMSO, 1997) p. 4

18. Edward N. Luttwak, "Toward Post-Heroic Warfare", *Foreign Affairs* (Maio/Junho 1995), p.116.

19. Samuel B. Griffith II, "Introduction" de Mao Tse-Tung, *On Guerrilla Warfare*, p.7.

20. Francis Ford Coppola, "Gardens of Stone", produzido pela Columbia TriStar Home Video, 111 minutos, 1987, video-cassete.

21. Jenkins, p.3.

22. *Ibíd*., p. 4.

23. Mack, "Why Big Powers Lose Small Wars", pp.128,130, e132-33.

24. *Ibíd* ., pp.129-30 e Mao Tse-Tung, *On Guerrilla Warfare*, p.90. Para as toneladas de bombas lançadas contra o Vietnã, ver John G. Stoessinger, *Why Nations Go to War* , 5ª ed. (Nova York: St Martin's Press, 1990), pp.111-12.

25. Um senador anônimo dos EUA citado em Edward Foster, *NATO's Military in the Age of Crisis Management* (Londres: Royal United Services Institute for Defence Studies,1995), p.13.

26. Para as cifras relacionadas às baixas ver Susan Rosegrant e Michael D. Watkins, *A Seamless Transition: United States and United Nations Operations in Somalia 1992-1993 (B)* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University,1996), pp.12-16 e Rick Atkinson, "Night of a Thousand Casualties," *Washington Post*, 31 de janeiro de 1994, p. A01. Don M. Snider, John A. Nagly, Tony Pfaff, *Army Professionalism, the Military Ethic, and Officers in the 21st Century* (Carlisle, Pensilvania: Strategic Studies Institute,1999), p. 23. Isto não é necessariamente verdade no Afeganistão. No entanto, tanto a população civil com a elite política dos EUA parecem ser mais tolerantes com as baixas porque a guerra representa uma cruzada contra uma ameaça clara e direta contra a segurança nacional dos EUA.

27. Para uma discussão da profissionalização e homogeneização das forças armadas ocidentais, ver Samuel P. Huntington, *The Soldier and the State: The Theory and Politics of Civil-Militar Relations* (Cambridge, Massachusetts: Belknap Press,1957), pp. 46-65. Alguns debatem que A. A. Svechin e V. K. Triandafillov são os apóstolos leais da arte operacional e da guerra de manobra. No entanto, dois alemães, Sigismund von Schlichting e Helmuth von Moltke, o velho, estiveram entre os primeiros pensadores militares que reconheceram a mudança do paradigma napoleônico (Clausewitziano) observado na Guerra Civil dos EUA. Ver James J. Schneider, *The Structure of Strategic Revolution* (Novato, Califórnia: Presidio Press,1994), pp.168-77.

28. Scott E. McIntosh, "Leading With the Chin: Using Svechin to Analyze the Soviet Incursion Into Afghanistan,1979-1989", *The Journal of Slavic Military Studies* (junho de 1995), p. 420.

29. Olivier Roy, *The Lessons of the Soviet/Afghan War*, Adelphi Paper 259 (Londres: International Institute for Strategic Studies,1991), pp.16 e 18. É difícil ignorar a semelhança e a ironia concomitante entre os nomes Pavlovsky e Pavlov. De alguma maneira, o Exército soviético no Afeganistão se comportou como os cachorros de Pavlov, exibindo uma reação condicionada, mesmo que fosse inapropriada.

30. Jenkins.

31. *Ibíd* .

32. *Ibíd.* e Rick Atkinson, *The Long Gray Line* (Boston, Massachusetts: Houghton Mifflin Co.,1989), p.82.

33. Peter M.Dunn, "The American Army: The Vietnam War,1965-1973", *Armed Forces and Modern Counter-Insurgency*, Ian F.W. Beckett e John Pimlot, editores, (Nova York: St.Martin 's Press, Inc.,1985), p.84.

34. *Ibíd.*, p.85.

35. Entrevista com o General Eric K. Shinseki, 14 de janeiro de 1999, em Howard Olsen e John Davis, "Training U.S.Army Officers for Peace Operations", *Special Report* (Washington, DC: U.S. Institute of Peace,1999), p.2.

36. *Ibíd.*, p.3.

37. Edith B.Wilkie e Beth C. DeGrasse, *A Force for Peace: U.S.Commanders' Views of the Military's Role in Peace Operations* (Washington, DC: Peace Through Law Education Fund,1999), p.40.

38. Arnaud de Borchgrave, "Al Qaeda's Privileged Sanctuary", *Washington Times*, 20 de junho de 2002, p.19.

39. Krepinevich, pp.70-71 e 172-77, e *The Guerrilla —And How to Fight Him*, T. N. Greene, editor. (Nova York: Praeger Publishers,1962).

40. Corpo de Fuzileiros Navais, *Small Wars Manual* (Washington, DC: U.S Government Printing Office,1940), pp.31-32

O Major Robert M. Cassidy é o S3 da 4ª Brigada de Aviação, da 4ª Divisão de Infantaria (Mecanizada), no Forte Hood, Texas. Recebeu o título de Ph.D pela Fletcher Scholl of Law and Diplomacy, *e é formado pela* French Joint Defense College *em Paris. Foi professor assistente de relações Internacionais na Academia Militar dos EUA em West Point, Nova York.*